

## Evolução Socioeconômica do Município de Rio do Sul

Macedo, Castro Faria Fabio

No século XX, o avanço econômico de Santa Catarina, e particularmente, as zonas de colonização européia no Sul do Brasil, revelaram um desenvolvimento diferenciado de demais regiões brasileiras, onde a evolução socioeconômica não seguiu os mesmos moldes. Até os dias atuais, algumas indústrias catarinenses apresentam uma dinâmica de inserção em mercados nacionais e internacionais, e uma adaptação a situações de crise que difere das demais regiões do país.

Estas diferenciações começam a se manifestar na gênese da formação catarinense. Uma vez que o litoral catarinense dá acesso a pequenos vales, navegáveis em seu curso médio e litorâneo (São Francisco do Sul, Itajaí, Laguna, Tubarão) essa conformação permitiu um intenso comércio entre os portos e as colônias no interior dos vales. O desenvolvimento da atividade comercial e industrial, favoreceu a ocupação intensa e em poucas décadas as terras se tornaram escassas e caras. Houve um rápido incremento do comércio local e atividades de importação e exportação.

A entrada de imigrantes, vista com base nas análises de Mamigonian (1999), mostra que a crise econômica da Europa, na depressão do primeiro ciclo longo de Kondratief (1815-1848) obrigou a liberação de mão de obra por parte da indústria e a expropriação do homem do campo. Além disso, restringiu-se a procura por bens de consumo e matérias primas pelas indústrias da Europa. Esse fenômeno repercutiu na emissão de excedentes populacionais não só para o Brasil, mas para vários países do mundo (África do Sul, Chile, Argentina, EUA), sendo portanto o primeiro surto migratório europeu para a América.

Em Santa Catarina, aproveitando a situação, surgem empresas de vários portes para a comercialização de terras, abertura de estradas e construção de infraestruturas para a instalação de famílias de europeus. Houveram no estado, experiências do Governo Imperial (São Pedro de Alcântara, e mais tarde Angelina, Anitápolis), as grandes sociedades (Sociedade Colonizadora Hanseatica, iniciativa de bancos alemães, comerciantes *import/export* e empresas de navegação), iniciativas particulares (Otto Hermann Blumenau) e as pequenas empresas (Odebrecht, Curt Schroeder, Federsen, Reif & Jansen)(D'AMARAL, 1950).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Klaus Richter (1992) afirma que o início da colonização do Médio Vale, é marcado pela atuação comercial da Companhia Salinger, ligada aos capitais alemães e as sociedades colonizadoras. As matérias

As tentativas governamentais em alguns casos foram caracterizadas pela necessidade de ocupação imediata, doação de terras, insumos e ferramentas. Nas tentativas particulares, o que movia a colonização era o dinheiro (WAIBEL, 1979). Desta forma, a terra era comercializada com os imigrantes, e geralmente os empreendedores da venda de lotes eram também proprietários dos comércios, das madeireiras, dos engenhos. A medida que precisavam de crédito para quitar suas compras ou seus lotes, os colonos entregavam a madeira do lote, ou parte da sua produção, que era beneficiada nos primeiros estabelecimentos industriais (PELUSO, 1954) e, desde a gênese da ocupação, tinha mercado certo no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Europa.

É importante destacar a pesquisa de Richter (1992) que enfatiza que representantes burgueses da política alemã, empresários e comerciantes do final do século XIX, adeptos ao imperialismo e ao nacionalismo vigente na época, consideravam de interesse nacional que a imigração se desse em colônias agrícolas onde:

- 1 – sendo pouco habitadas pelos nativos e possuindo condições climáticas vantajosas, favorecessem uma imigração alemã em grande escala com amplas possibilidades de desenvolvimento;
- 2 – pelo fato de a população nativa ser de etnia inferior, garantissem que a cultura, língua e nacionalidade dos imigrantes ficassem preservadas;
- 3 – a longo prazo fornecessem matérias primas para a Alemanha;
- 4 – em princípio, não desenvolvessem indústria própria, dependendo da importação de produtos industriais da Alemanha (RICHTER, 1992, p.13).

Estes aspectos mostram que a imigração, antes de mais nada, era um poderoso mercado de logística de mão de obra excedente, de produtos beneficiados, de matérias primas, de empréstimos bancários. Nas colônias catarinenses porém, a dinâmica tomou vida própria rapidamente, a medida que iniciativas locais passaram a concorrer com os

---

primas produzidas pelos imigrantes deveriam ser vendidas na Companhia Salinger, intermediadas por Peter Federsen, representante comercial da companhia. Essas transações eram pagas em vale-compras. Revoltados com a dependência do comércio centralizado, imigrantes se organizam em uma cooperativa de consumo que obriga a Companhia Salinger a sair do mercado em 1909. Federsen, Reif e Jansen fundam a Companhia Torrens, que vai atuar na venda de terras e no comércio no Alto Vale do Itajaí.

produtos importados e substituir as importações (fábricas de ferramentas, tecelagens, beneficiamento de madeiras, gêneros alimentícios, bancos)<sup>2</sup>.

Deve-se considerar ainda, que na retomada do crescimento europeu na fase seguinte do ciclo (1848-1873), haverá uma queda no ritmo das entradas de imigrantes, uma vez que a situação da indústria alemã passa por uma melhora. Quando se dá o último surto de imigração em 1880-1890 (RICHTER, 1992), o valor das terras no Médio Vale (Blumenau, Brusque, Indaial) já é consideravelmente alto, de forma que os novos imigrantes passam a procurar áreas mais afastadas, iniciando uma frente colonizadora em direção ao Planalto Catarinense.

Esse processo de expansão da dinâmica econômica de Blumenau para o Alto Vale (segunda depressão do ciclo longo na Europa, e segundo surto migratório) inicia em 1892, ano da chegada do primeiro imigrante em Rio do Sul. A medida em que se afastavam de Blumenau, os colonos se deparavam com todo o tipo de dificuldades para a implantação sistêmica de uma ocupação: falta de equipamentos de trabalho, precariedade das vias de comunicação, impossibilidade de escoar a produção.

No Alto Vale, o estabelecimento de um comércio geral, a Casa Odebrecht, foi a primeira forma de amenizar a questão. Rudolf Odebrecht, era o filho mais velho do engenheiro agrimensor Emil Odebrecht, pioneiro que mapeou toda Colônia Blumenau e conseguiu estabelecer o acesso com o Planalto. Rudolf Odebrecht instalou filiais ao longo do caminho, e uma serraria no encontro dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, onde chegava toda a madeira do Alto Vale, se consolidando como uma das maiores serrarias do Estado, chegando a ter na década de 40 do século XX, 1700 funcionários. (BLOGOSLAWSKY, 2000).

O forte estabelecimento de relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos preocupava os investidores alemães e o governo de Santa Catarina (Lauro Muller, secretário de obras e viação, Hercílio Luz, governador do estado). O governo do estado, estava preocupado com o descumprimento do acordo com a Sociedade Colonizadora Hanseática, de estabelecimento de 5 mil imigrantes por ano no Vale do Itajaí e região de Joinville. Lauro Muller pressiona a Sociedade a implantar com urgência uma estrada de ferro ligando o Porto de Itajaí ao Planalto, e ao porto de São Francisco do Sul (RICHTER, 1992).

---

<sup>2</sup> Quanto a esse desenvolvimento industrial diversificado a partir dos capitais acumulados na pequena produção mercantil, Silva (1999) chama a atenção para o fato de a industrialização dispersa, descentralizada estar em crescente evidência em todo o mundo, o chamado modelo “Terceira Itália”.

A falta de novos imigrantes para cumprir as metas<sup>3</sup> não deixou outra alternativa para a sociedade, senão a busca por recursos entre os membros da companhia para a construção da ferrovia. Iniciada em 1909 em Blumenau, o ramal da ferrovia chega em Rio do Sul em 1936. Por certo este empreendimento não serviu para atrair novos alemães para o Brasil. No entanto, atraiu colonos de segunda e terceira geração (filhos e netos de europeus) e italianos estabelecidos no Médio Vale e no sul do estado, além de brasileiros do litoral que foram se empregar nas indústrias do Vale.

Com a ferrovia, o gado que era transportado do Planalto para ser abatido em Blumenau, e pagava tributos em Rio do Sul, passou a figurar cada vez menos como importância econômica para o município. Entram em cena a madeira, que anteriormente dependia das cheias dos rios para ser transportada, a fécula de mandioca, vendida para ser adicionada a farinha de trigo nos moinhos em São Paulo e Rio de Janeiro, e o tabaco, totalmente voltado para exportação.

Rebocados pela expansão das indústrias de fécula, do tabaco e da madeira, surgem outros segmentos que hoje roubam a cena. Em função da tecnologia (máquinas, insumos, defensivos) necessária ao cultivo do tabaco, Rio do Sul nos anos 70 figurava como o município com a agricultura mais mecanizada do estado e como o maior produtor de tabaco e mandioca de Santa Catarina (KLUG *et alli*, 1999). A necessidade da geração de energia mecânica para movimentar maquinários das serrarias deu origem a H.Bremer, que de oficina de reparo de caldeiras, se consolidou como um dos maiores produtores nacionais de caldeiras de grande porte. A Metalúrgica Riosulense, fabricava eixos de serras circulares e peças de reposição para guindastes que extraíam toras da mata. Com a queda do ciclo da madeira nos anos 70, migra para o setor de autopeças e domina 80% do mercado nacional no seu segmento, fabricando um terço das peças de um motor automotivo.

No início da década de 70, o fim da ferrovia declara o fim de empresas em todos esses segmentos, dada a dependência do baixo custo de logística. Nos anos 80, as enchentes de 1983 e 1984 destruíram boa parte do parque industrial da região. Segundo Klug (1999), de 125 indústrias existentes em áreas alagáveis, 120 foram completamente

---

<sup>3</sup> O porto de Hamburgo foi o principal fornecedor de imigrantes para o mundo. Seguindo uma tendência de queda pós unificação da Alemanha (1876), nos anos de 1890-1894 foram enviados 462 mil imigrantes; já de 1895 até 1899 esse número despencou para 142 mil imigrantes, e segue caindo a partir daí, não sofrendo mais nenhum crescimento expressivo. Corrobora para esta diminuição, o fato de que o índice salarial da Alemanha passa de 52 pontos em 1871 para 73 pontos em 1890. Além da melhora na condição salarial, mesmo os bancos alemães pressionados a cumprir os acordos de povoamento com o governo brasileiro, já alertavam para a possível falta de mão de obra nas indústrias alemãs (RICHTER, 1992, D'AMARAL 1950).

destruídas. Em 1986 a proibição definitiva do corte de madeira nativa é o tiro de misericórdia de outras tantas iniciativas. A abertura econômica no início dos anos 90 marca uma nova fase para a economia do Alto Vale. Enquanto empresas fechavam as portas no país inteiro, em Rio do Sul outras cresciam exponencialmente se consolidando entre os maiores exportadores de Santa Catarina.

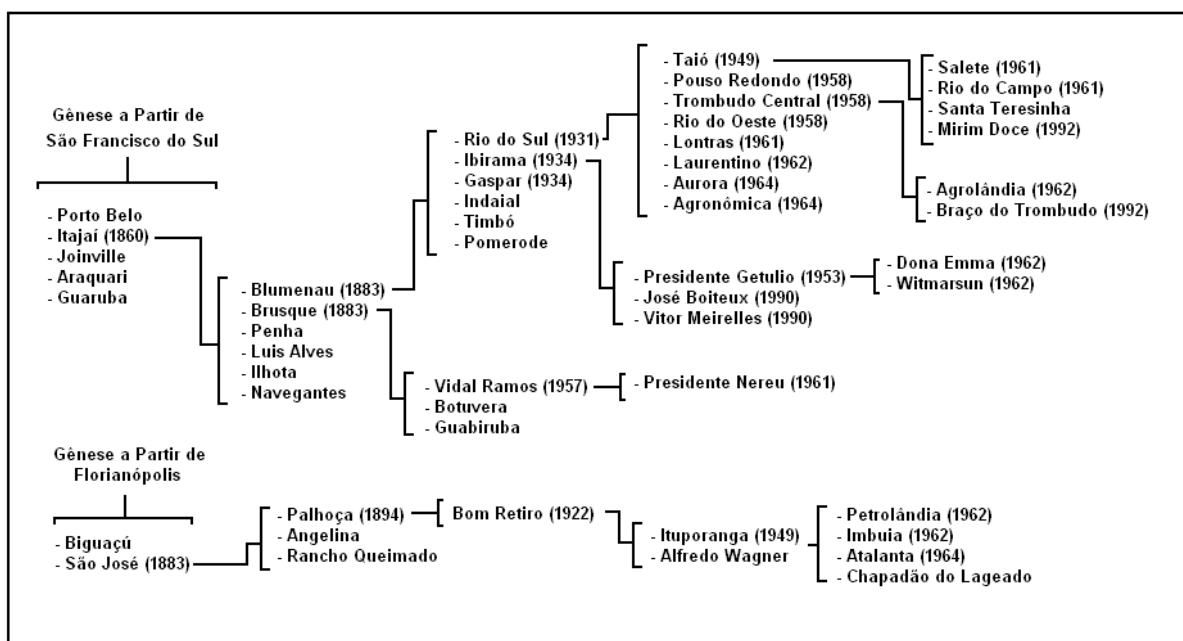
Buscou-se compreender como se organizam as indústrias atualmente, suas origens, e sua dinâmica atual. A região do Alto Vale do Itajaí é composta por 28 municípios, dos quais 9 foram desmembrados do território original de Rio do Sul (**Mapa 1**). Alguns desses 28 municípios apresentam atividade industrial e exportadora expressiva, outros ainda hoje são economias adjacentes, dependendo das relações regionais para a sua inserção econômica (**Mapa 2**). O período que vai da década de 30 até a década de 60, é marcado por sucessivas fragmentações do território ocupado pelo município de Rio do Sul, e a criação de pequenos municípios no Alto Vale. É difícil afirmar se esta fragmentação foi uma retaliação direta ao poder do Partido Republicano Catarinense, ou se as conseqüências foram boas ou ruins para a economia local. Isto porque, apesar de perder um território imenso, ao longo das três décadas, o centro industrial e comercial do município era bastante concentrado no encontro dos rios, que permaneceu como sede.

Nesse sentido, houve um incremento dos setores comércio e serviços que se concentraram em Rio do Sul atendendo os municípios vizinhos. Há nesse período uma intensa concentração de população na área urbana de Rio do Sul, e diminuição da população rural. Essa mudança talvez possa ser conseqüência do aumento das dificuldades para o pequeno produtor em ficar num município sem banco, sem cooperativa, oficina, lojas de insumos, escolas, hospitais; num período em que a agricultura se mecanizava intensamente no país. Em contrapartida, Rio do Sul nos anos 50 e 60, mesmo com um relevo acidentado, desponta como município com a agricultura mais mecanizada do estado (KLUG et alli. 1999).

Em 1930 o município de Blumenau tinha um total de 98.663 habitantes, dos quais, 23.816 pertenciam ao distrito sede (Blumenau), 11.608 ao Distrito de Hamônia (Ibirama), e 18.498 ao distrito de Rio do Sul (DAGNONI, 2000). Além de ser o segundo mais populoso, era o segundo em importância econômica e territorial. O Alto Vale do Itajaí tem uma área de aproximadamente 7.500 km<sup>2</sup>, formado por 28 municípios. Rio do Sul, é relatado na publicação de Peluso (1954) com 3.889 km<sup>2</sup>. Isso significa que o território original desmembrado de Blumenau equivalia a 52% da área

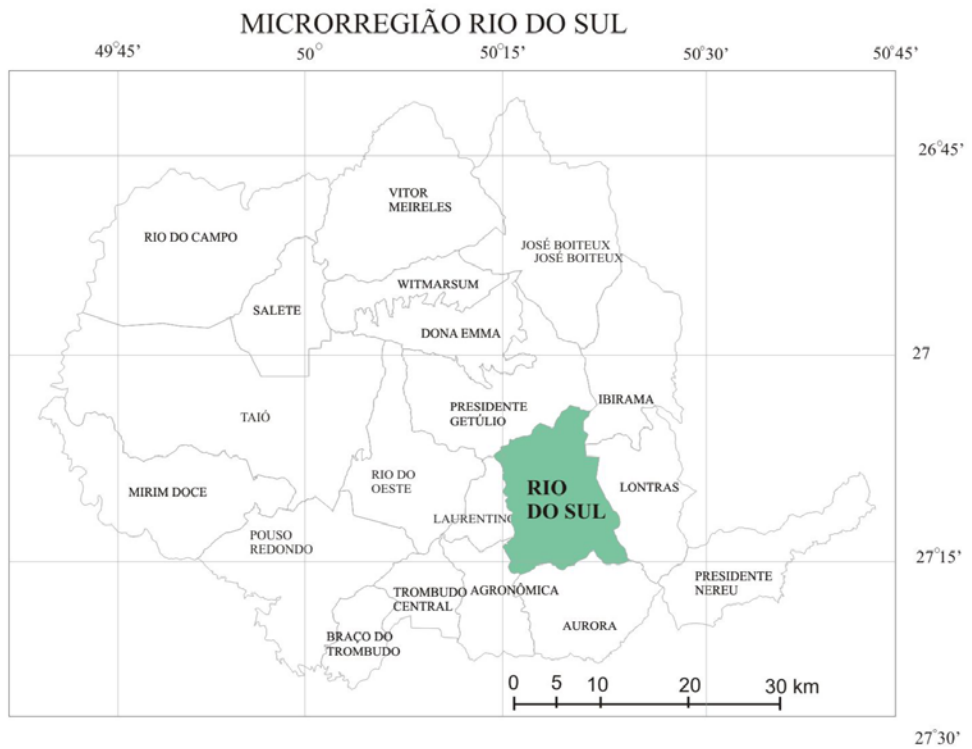
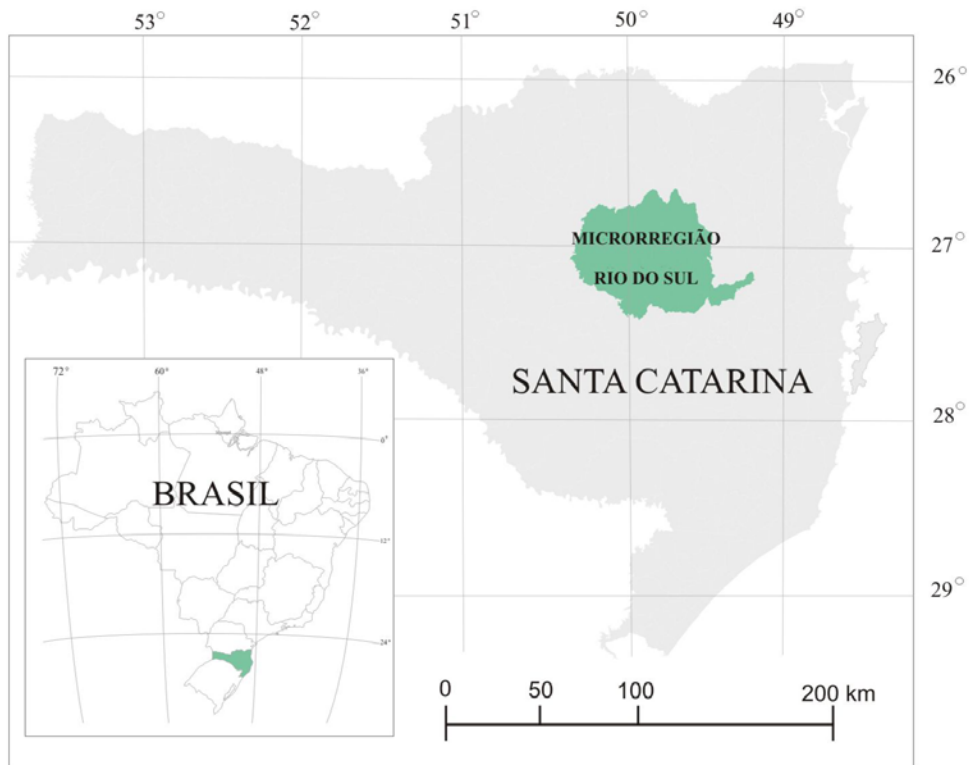
do Alto Vale e a 4% da área do Estado de Santa Catarina. Atualmente o município tem 252 km<sup>2</sup>. Isso equivale a apenas 6,6% da sua área original, e a 3,4% da área do Alto Vale. Quanto a formação do Alto Vale a partir da fragmentação de Rio do Sul, há uma divergência entre Dagnoni (2000) e Klug (1999). Dagnoni afirma que o município de Ituporanga foi desmembrado de Bom Retiro e Klug afirma que foi desmembrado de Rio do Sul. Seguindo o raciocínio a partir da análise de Dagnoni, desmembraram-se diretamente de Rio do Sul, 8 municípios, e indiretamente outros 6, totalizando 14 cidades criadas a partir do território desmembrado de Blumenau. Para Klug, teriam sido 9 municípios desligados diretamente, dos quais surgiram outros 10, totalizando 19 cidades criadas do território original de Rio do Sul. **(Figura 1)**

**Figura 1: Formação Territorial do Alto Vale do Itajaí – Divisões Territoriais**



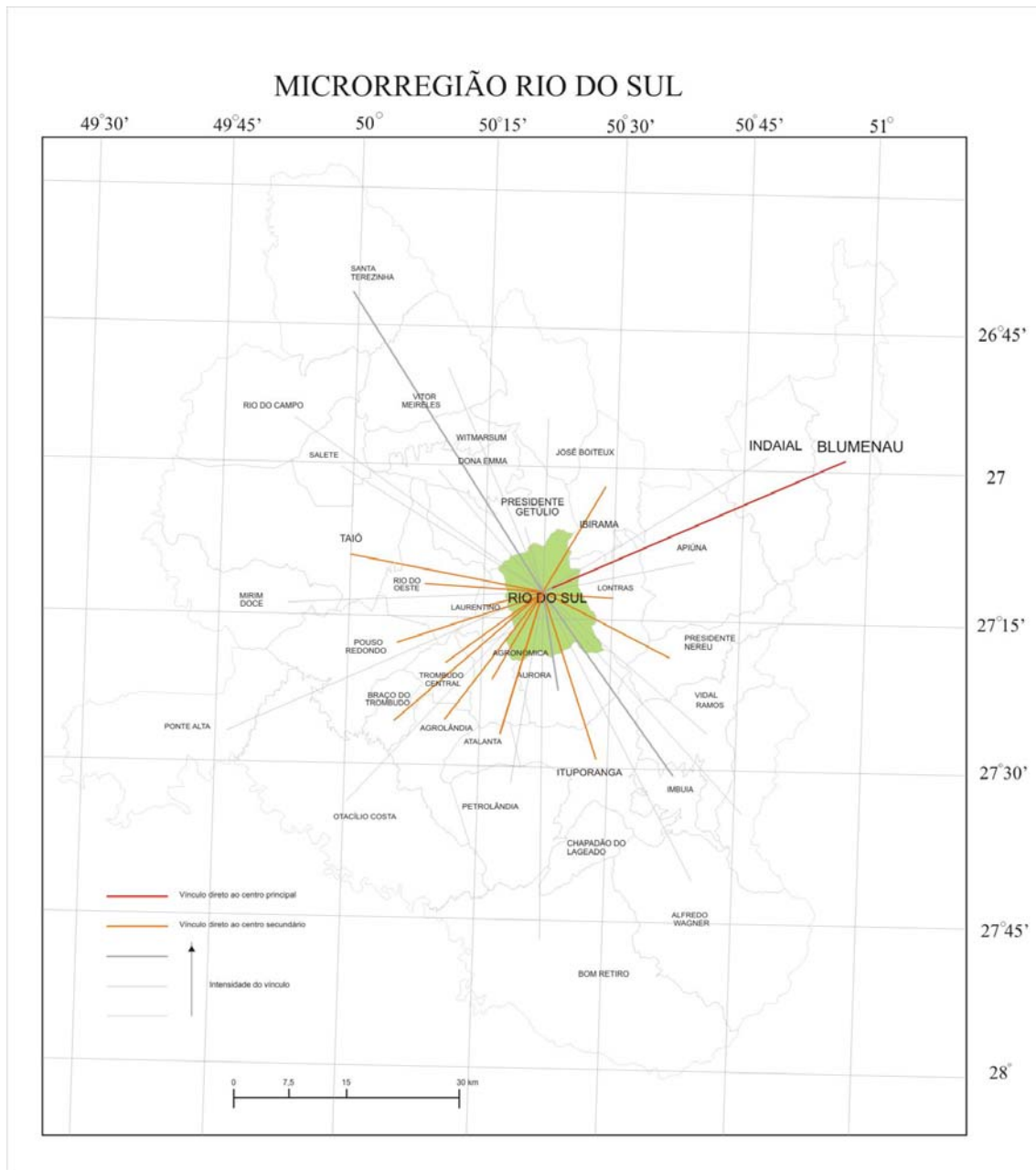
**Fonte:** DAGNONI, Catia. Primeiros Núcleos de Povoamento. Rio do Sul, nossa historia em revista, Fundação Cultural de Rio do Sul. Arquivo Publico Histórico, Tomo II, n.6, 2000

Na pratica isso representa uma perda de população de mais de 50% do contingente total. Mas o intenso desenvolvimento que se da a seguir se reflete na mudança brusca da população do espaço rural para o espaço urbano. O desenvolvimento do comercio e dos serviços, dos quais dependiam os municípios recém criados, levou a população a buscar a cidade e ir deixando de lado as dificuldades do campo.



**Mapa 1 – Microrregião de Rio do Sul**

## Mapa 2 - Região de Influência do Município de Rio do Sul



Fonte : REGIC – Região de Influência das Cidades. IBGE 2008

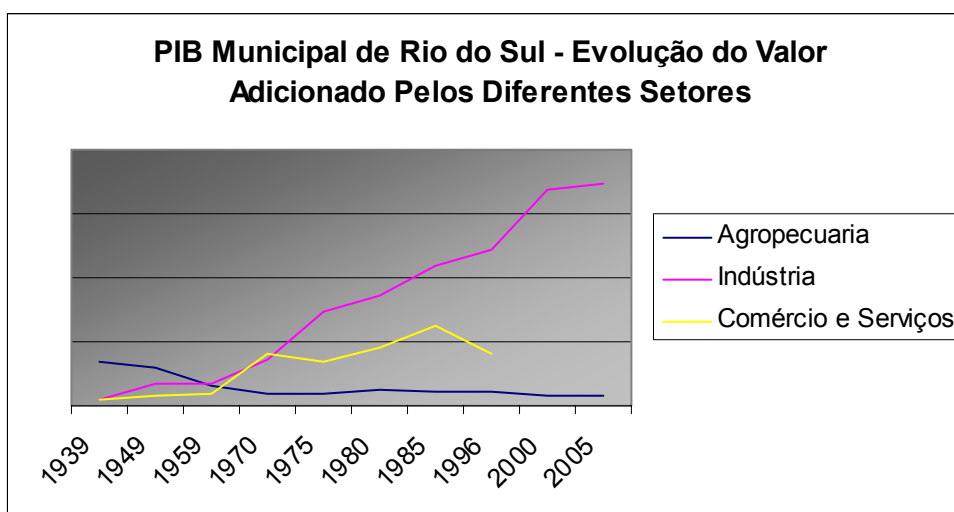
Em 1939, o valor adicionado ao PIB municipal pela agricultura, era nada menos do que o maior do estado. Já foi dito anteriormente que em 1931 quando se desliga de Blumenau, Rio do Sul começa sua historia própria como 4º economia do estado. Este valor do PIB de 39 revela portando que até aí a economia do município era predominantemente agrária. Em 1949, a parcela do PIB municipal referente a



agricultura cai 16%. Em 1959, auge do ciclo da madeira, despensa 55%. Finalmente em 1970, com um aparelho industrial bastante desenvolvido (madeira, fécula, maquinas, química, alimentos) as entradas do recurso no PIB municipal por parte da agricultura já haviam caído 73% com relação aos valores de 1939. (IPEA 2008).

Em contrapartida, se observamos os valores adicionados ao PIB municipal pela indústria, em 1939 quando era o município que mais rendia aos cofres públicos divisas da agricultura, com relação a retornos da indústria, ficava com a 12º posição. Em 1949, com a estrada de ferro já consolidada e a indústria madeireira em expansão, já sobe para 8º posição mas o crescimento das entradas da industria no PIB municipal é da ordem de 400% . De 1949 para 1959 há um visível estagnação de forma que os valores praticamente são os mesmos, o que pode estar ligado as perdas de territórios que se dão no período. No entanto em 1970 as entradas no PIB por parte da indústria, são o dobro das divisas de 1959. Em 1975, já são o dobro das entradas de 70, e a partir daí o crescimento é contínuo. **Figura 2.**

**Figura 2 – Evolução do PIB Municipal**



Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

(faltam dados para o comércio e serviços na fonte consultada a partir de 1998)

O setor do comércio e dos serviços sofre oscilações mais distintas. De 1939 para 1949 cresce 67% (5º posição no estado entre os municípios que mais adicionaram ao PIB pelo setor comercio e serviços). De 1949 a 1959, período das primeiras divisões territoriais e grande desenvolvimento industrial, o setor cresce 80%. O grande salto se dá de 1959 a 1970 quando se dão as ultimas divisões territoriais, a industria atinge sua

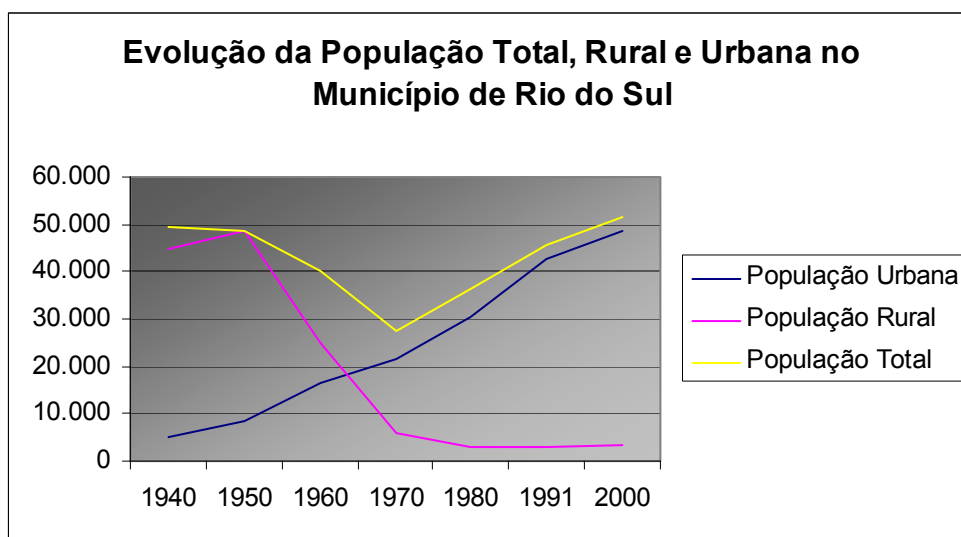
maturidade, o ciclo da madeira chega ao auge. O comércio e os serviços crescem em valores pagos ao PIB nada menos do que 440% com relação aos valores anteriores. Em 1975 há uma queda de 15% associada provavelmente ao fim da ferrovia em 1971, que abalou a indústria local (fim de madeiras, feculares). De 1975 para 1985 um novo salto de 178%, e por fim, um novo tobo de 1985 para 1995 (28% de decréscimo), que desta vez está associado à saída de grandes empresas comerciais do município (HM-Hermes Macedo, Casas Pernambucanas) e as dificuldades surgidas com as aberturas econômicas do início dos anos 90.

A evolução da população municipal nesse período mostra oscilações bastante regulares às transformações territoriais e econômicas. Quando o território ainda compreendia a metade da área do Alto Vale do Itajaí, os dados do censo de 1950 apontam uma população total de Rio do Sul era de 57.152 (maior inclusive que a população atual). Nessa primeira contagem, a população rural compreendia 85% dos moradores e a urbana 15%. Observa-se que nesse período apesar de já estar se dando o desenvolvimento industrial do município, ainda haviam muitos distritos agregados absolutamente rurais (Agrônômica, Lontras, Taió, etc).

No censo de 1970, portando pós as divisões territoriais que se deram nos anos 50, e 60 principalmente, o município tem uma população total de 27.538, o que representa uma queda de 48% com relação a 1950. Nesta contagem o que surpreende é a inversão dos dados anteriores. Em 70, a população urbana já corresponde a 77% dos habitantes e a rural 23% (reforço aqui a já tratada dependência dos municípios fragmentados da economia urbana riosulense). **Figura 4.**

Nas contagens seguintes essa tendência só é reforçada. Temos em 1980 um crescimento da população total 21% com relação aos dados de 70. A população se urbanizou ainda mais, tendo chegado a 91% da população total, contra apenas 9% de população rural. Em 1991 a população cresce 27%, e os habitantes da área urbana somam 93%. De 1991 para 2000 há uma queda na velocidade de crescimento. A população total cresce apenas 18% chegando a 51.650 habitantes a relação entre população do campo e da cidade permanece a mesma de 91. Se comparado o crescimento do município, com o do Estado de Santa Catarina e com o Brasil, observa-se que Rio do Sul cresce num ritmo mais próximo ao do Brasil e superior a velocidade de crescimento de Santa Catarina.

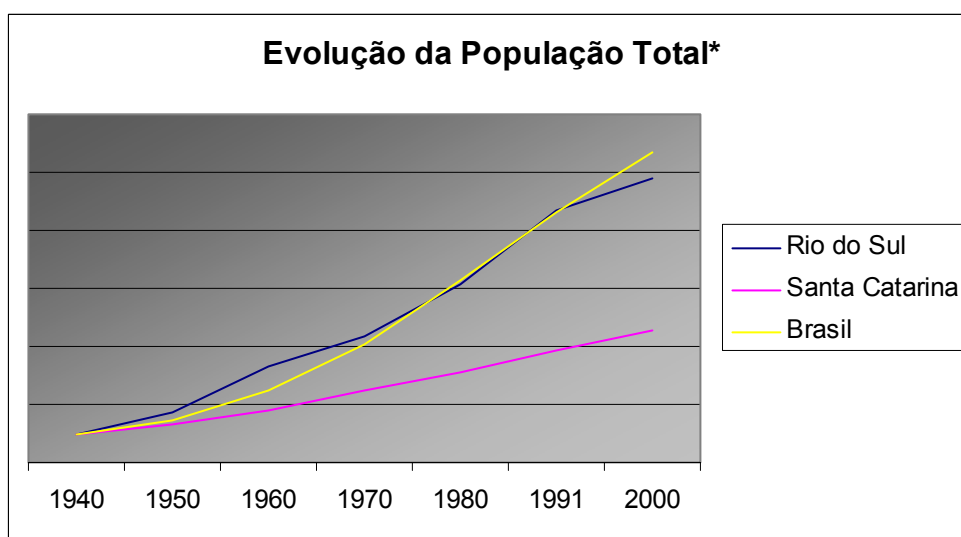
**Figura 3: Variações de População**



Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

Para efeito comparativo, é preciso abstrair a dinâmica da população rural e usar os dados da população urbana, uma vez que a maior parte da população rural se perdeu com as divisões territoriais. **Figura 5.**

**Figura 4: Comparativo de crescimento populacional**



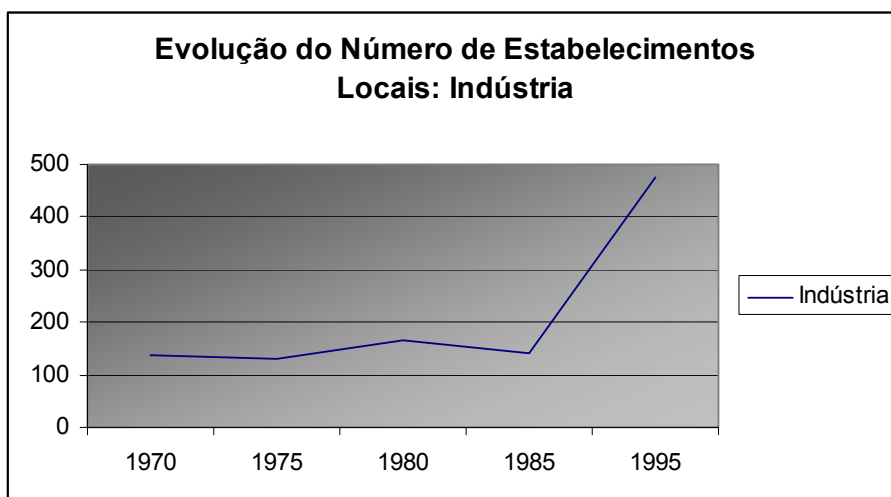
Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

Quando observa-se a figura 3, há uma clara queda no número total de habitantes na que inicia na década de 50 e chega ao ápice na entrada dos anos 70. Essa perda de população associada a perda de território, deve ser considerada para evitar mascarar os

dados de que apesar de estar perdendo mais de 50% da população, Rio do Sul estava em franco desenvolvimento, se industrializando e urbanizando a sua população. Esse crescimento se manteve nas décadas seguintes, só voltando a desacelerar nos anos 90, quando a cidade passa a crescer num ritmo menor que o do Brasil.

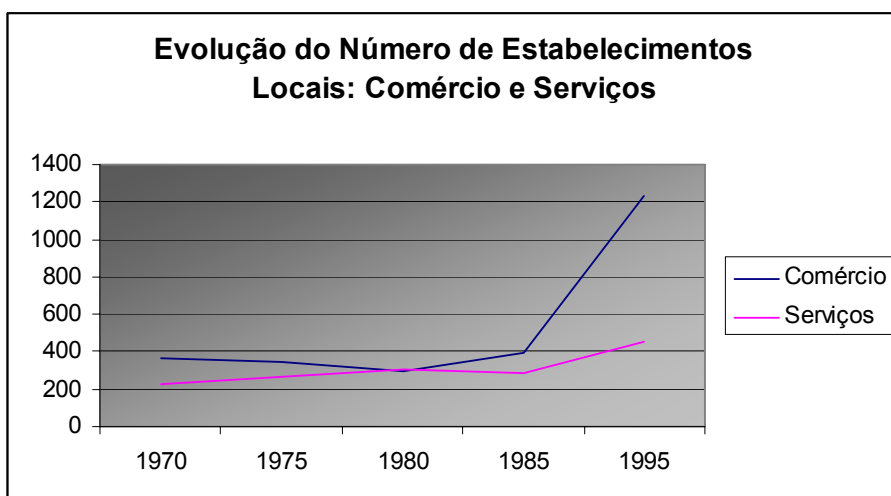
É bastante relevante observar que um município que inicia a sua trajetória como a economia rural mais dinâmica do estado (dados de 1939), avança as décadas seguintes com intensa industrialização e fixação da população na cidade. Abre mão de áreas agrícolas e se concentra nas atividades de indústria, comércio e serviços. Tira bom proveito de ser um centro local orbitado por diversas economias pouco expressivas, e o período posterior as divisões territoriais é caracterizado pela supremacia do comércio na economia municipal. **Figura 5 e 6.**

**Figura 5 – Crescimento da Indústria**



Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

**Figura 6– Crescimento do Comércio e dos Serviços**



Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

## Referências Bibliográficas

BLOGOSLAWSKI, Ilson Paulo Ramos. **A Escola Alemã no Alto Vale do Itajaí: Colônia Matador, Bella Aliança – 1892-1930**. Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.

DAGNONE, Kátia. Primeiras Explorações no Alto Vale do Itajaí; **Rio do Sul: nossa historia em revista**. Fundação Cultural de Rio do Sul. Arquivo Publico Histórico. Tomo II, n.4, 2000, Rio do Sul.

\_\_\_\_\_. Primeiros Núcleos de Povoamento; **Rio do Sul: nossa historia em revista**. Fundação Cultural de Rio do Sul. Arquivo Publico Histórico. Tomo II, n.6, 2000, Rio do Sul.

D'AMARAL, Max T. , **Contribuição à Historia da Colonização Alemã no Alto Vale do Itajaí**. Instituto Hans Staden , São Paulo, 1950.

HERING, Maria L. R. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Editora da Furb, 1987

KLUG, João, DIRKSEN, Valberto (org.). **Rio do Sul: uma historia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico da Indústrias de Blumenau; **Revista Brasileira de Geografia**, julho-setembro, 1965.

\_\_\_\_\_. A Industrialização da América Latina: O Caso Brasileiro, **Fundamentos Para o Ensino de Geografia: Seleção de Textos**, Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 1989

PELLIZZETTI, L. Beatriz. **Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional**; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, 1981.

PELUSO, J. Victor Antonio. **Rio do Sul – Monografia Estatístico-Descritiva**. Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina, Imprensa Oficial do Estado, 1949.

RANGEL, Ignácio. **Introdução ao Desenvolvimento Econômico Brasileiro**, 2º edição, Ed. Bial, São Paulo, 1955.

RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseatica de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**, 2º Ed. rev. e ampl , Florianópolis: UFSC, Blumenau: Furb, 1992.

SILVA, Marcos A. As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista do nordeste catarinense (uma nota critica), **Geosul**, Florianópolis , v.14, n.28, p.101-111, jul./dez.1999

WAIBEL, Leo. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**, 2º edição, Rio de Janeiro:IBGE, 1979.